

ALFABETIZAÇÃO E MULTILETRAMENTO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO PIBID/UFF

Luciana da Silva Santos Oliveira¹
Rejany dos Santos Dominick²

RESUMO

Este artigo sintetiza as experiências de formação vivenciadas pelo Grupo de Referência GR1C, no âmbito do subprojeto Alfabetização e Multiletramento do PIBID/UFF³, realizado na Escola Municipal Professor Paulo de Almeida Campos, em Niterói/RJ. As atividades pedagógicas, desenvolvidas com estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental, basearam-se em um referencial teórico-metodológico que engloba autores como Paulo Freire, Magda Soares e Conceição Evaristo, que fundamentam uma perspectiva crítica, inclusiva e discursiva da alfabetização. A partir da articulação entre teoria e prática, o grupo desenvolveu atividades que valorizam a escuta das crianças, os multiletramentos, a diversidade cultural e a construção de sentidos. Destaca-se o "Livro das Diferenças", uma produção coletiva que explorou as emoções, identidades e experiências individuais dos estudantes. Essa iniciativa evidenciou a relevância do protagonismo infantil, do desenvolvimento da linguagem oral e escrita e da valorização de narrativas pessoais como forma de expressão. As atividades pedagógicas realizadas abordaram temas como higiene, alimentação saudável, identidade racial, história local e cuidado com o corpo, sempre com foco em experiências concretas e significativas. Neste cenário foram desenvolvidas atividades lúdicas, rodas de conversa, leituras compartilhadas e atividades artísticas, fortalecendo vínculos e estimulando a participação ativa das crianças. Os resultados obtidos indicam o fortalecimento de uma prática docente crítica, sensível e colaborativa, bem como a ampliação do olhar dos participantes para a realidade escolar e os desafios da profissão. A vivência no PIBID reafirma o compromisso com uma educação pública humanizadora, capaz de transformar a escola em um espaço de acolhimento, reflexão e produção de saberes, demonstrando que a formação docente, mediada por práticas significativas, é essencial para a elaboração de propostas pedagógicas que respeitem a singularidade dos estudantes, promovendo aprendizagens que façam sentido no cotidiano, nas vivências e práticas sociais deles.

Palavras-chave: Prática docente, Educação Inclusiva, Letramento, Narrativas.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA) e Professora do Ensino Fundamental I na Rede Municipal de Niterói/RJ; prof.luciana.ss oliveira@gmail.com;

²Doutora em História, Filosofia e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF); rejany_dominick@id.uff.br

³Participam deste subprojeto do PIBID oito estudantes de graduação - Bruna Carla Santos Soares; Bárbara Silva Barbosa; Clara Barbosa de Oliveira; Fabiany Estarneck; Hingrid de Oliveira Pinheiro; Jenifer Terra de Freitas; Taís dos Santos Leal e Yasmin Alves Mello de Oliveira Fonseca. Elas participaram da elaboração das propostas pedagógicas elaboradas no primeiro semestre de 2025 e, portanto, são co-autoras deste relato de experiência.

INTRODUÇÃO

A alfabetização, precisa ser compreendida para além da decodificação do sistema alfabetico, pois constitui um processo intrinsecamente ligado aos contextos social, cultural e político. Neste processo, as crianças constroem sentidos para suas vidas, ampliando seus repertórios e desenvolvendo competências de leitura e escrita baseadas em práticas sociais reais. Conforme defende Magda Soares (2002), alfabetizar e letrar devem ser ações articuladas, capazes de inserir o estudante no universo da cultura escrita de forma significativa e contextualizada. Em diálogo com essa perspectiva, Paulo Freire (2011) reforça que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, indicando que o processo educativo deve partir das experiências e conhecimentos prévios dos sujeitos, sempre visando a valorização do contexto social e cultural do estudante.

Este relato de experiência apresenta aspectos do trabalho desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) subprojeto Alfabetização e Multiletramento, na Escola Municipal Professor Paulo de Almeida Campos, situada no bairro de Icaraí, em Niterói (RJ). A instituição atende majoritariamente estudantes de classes populares, muitos deles moradores de comunidades vizinhas (Comunidades do Palácio, Estado, Cavalão, Sabão, Boa Vista, Bairro de Fátima) e filhos de trabalhadores do comércio local, porteiros e empregadas domésticas. O trabalho foi realizado de forma colaborativa entre a professora regente do 1º ano do Ensino Fundamental (GR1C) e oito bolsistas do PIBID, envolvendo 25 crianças de 6 a 7 anos com diferentes ritmos e perfis de aprendizagem. A diversidade encontrada em sala de aula exigiu práticas pedagógicas inclusivas, dialógicas e sensíveis, integrando a experiência profissional da docente e a formação inicial das bolsistas.

A relevância deste relato está na possibilidade de gerar reflexões outras sobre práticas alfabetizadoras que unem multiletramentos e inclusão, considerando a escola pública como espaço das aprendizagens críticas e emancipadoras. A perspectiva teórica adotada dialoga com as contribuições de Paulo Freire, Magda Soares, Carlos Skliar, Conceição Evaristo e Roxane Rojo, dentre outros.

Metodologicamente, trata-se de um relato de experiência, de caráter descritivo e reflexivo, construído a partir das observações e dos registros escritos e fotográficos da professora regente e das bolsistas, do planejamento colaborativo semanal e da execução de atividades pedagógicas no GR1C.





As ações foram alinhadas aos objetivos do PIBID-Alfabetização, à proposta de formação da Pedagogia da UFF-Niterói e aos projetos institucionais da escola. Foram desenvolvidos os seguintes projeto na escola, no primeiro semestre de 2025: o “Afetos e Cuidados”, desenvolvido em fevereiro de 2025, voltado para acolher as crianças em um novo ciclo escolar e em uma nova rotina; o “Eu vejo, eu sinto, eu penso: eu realizo”, desenvolvido nos meses de março, abril e maio, por meio do qual foram desenvolvidas propostas pedagógicas voltadas à identidade e às emoções dos estudantes; e “A pluralidade da cultura brasileira”, abrangendo os meses de junho, julho, agosto. Essas propostas buscaram criar um ambiente de aprendizagem no qual a leitura e a escrita dialogassem com temas como identidade, emoções, cultura e respeito às diferenças. É importante destacar, que todas elas foram atravessadas pela literatura infantil, em concordância com a proposta da Rede Municipal, que orienta a alfabetização a partir de uma perspectiva discursiva e inclusiva.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica adotada neste trabalho fundamentou-se na observação participante e na imersão no cotidiano escolar. Tais estratégias permitem não apenas a observação, mas também a interação e a intervenção crítica nos contextos educativos. Essa inserção possibilitou uma compreensão ampliada das práticas pedagógicas, dos processos de ensino-aprendizagem e das especificidades socioculturais dos estudantes, permitindo que as ações fossem planejadas e executadas com sensibilidade às realidades vividas pelas crianças e suas famílias. A imersão, articulada aos registros diários, ao olhar investigativo e reflexivo possibilitou a compreensão de como os elementos curriculares, as relações interpessoais e as dinâmicas institucionais influenciam a construção do conhecimento.

A prática pedagógica foi organizada a partir de diálogos com a organização do currículo por projetos de trabalho, que tem se mostrado particularmente eficaz para integrar diferentes áreas do conhecimento e abordar temas significativos para as crianças, respeitando seus interesses, ritmos e contextos de vida (Hernández, 1998). Essa abordagem busca possibilitar que as atividades propostas sejam desenhadas de modo a favorecer a aprendizagem ativa, na qual os estudantes se engajam como protagonistas, participando das etapas de planejamento, execução e avaliação das ações. A promoção de investigações instiga o olhar sobre o mundo e estimula a busca por solução de problemas que geram a produção de



conhecimentos individuais e coletivos, com relevância social. Tal abordagem metodológica contribuiu para o desenvolvimento da autonomia, do protagonismo e da autoria das crianças e dos estudantes de licenciatura, reforçando a dimensão formativa da experiência escolar.

A proposta também dialogou metodologicamente com a pedagogia dos multiletramentos, visto que o trabalho de alfabetização desenvolvido por nós incluiu as múltiplas linguagens (oral, escrita, visual, gestual, sonora) e os diferentes suportes e mídias. Partindo do pressuposto de que, no mundo contemporâneo, a comunicação e a produção de sentido ocorrem em ambientes multimodais e híbridos buscou-se oferecer aos estudantes experiências que articulassem textos literários, produção textual, artes visuais, música, tecnologias digitais e práticas corporais. Segundo essa perspectiva teórica a diversidade de linguagens favorece a expressão criativa, a ampliação do repertório cultural e a construção de sentidos contextualizados, conectando as práticas escolares aos universos culturais e comunicativos dos alunos.

A observação participante e o registro foi assumido pelo grupo como fundamentais para podermos identificar demandas, potencialidades e desafios do grupo de referência 1C, do 1º ano do Ensino Fundamental. Esse procedimento envolveu o acompanhamento sistemático das atividades em sala e em outros espaços escolares, o registro minucioso das interações e a reflexão crítica sobre os processos de aprendizagem e socialização observados. Os registros realizados em diários de campo não apenas documentaram as práticas, mas também serviram como instrumento de análise e como base para a readequação das propostas pedagógicas, garantindo a coerência entre as ações planejadas e as necessidades efetivas da turma.

A construção das atividades ocorreu de forma colaborativa entre as bolsistas e a professora regente, que é a supervisora do subprojeto, reforçando o caráter coletivo e dialógico na ação docente. As reuniões de planejamento, realizadas tanto presencialmente quanto em ambiente virtual, constituíram espaços de estudo, de aprofundamento teórico-metodológico e de troca de experiências.

Em síntese, o caminho metodológico adotado combinou observação participante, organização de projetos, pedagogia dos multiletramentos e planejamento colaborativo ancorados em uma perspectiva crítica, inclusiva e humanizadora de alfabetização. Nossa intenção de integrar teoria e prática, valorizar a escuta das infâncias e promover a construção coletiva de conhecimentos, articulou-se com o compromisso de produzir uma educação



pública de qualidade, democrática e transformadora, capaz de formar sujeitos críticos, criativos e conscientes de seu papel na sociedade.

REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento das ações foi orientado por referenciais teóricos que dialogam com uma concepção crítica, inclusiva e emancipadora de educação. Entre os autores que se destacaram estão Paulo Freire (1996), Magda Soares (2002), Roxane Rojo (2012), Conceição Evaristo (2008) e Carlos Skliar (2019). A educação, na perspectiva freireana, emerge como uma prática de liberdade, fundada no diálogo, na problematização e no reconhecimento dos saberes prévios dos educandos como ponto de partida para novas aprendizagens. A perspectiva de Magda Soares acerca da alfabetização e letramento ultrapassa a dimensão técnica e instrumental da leitura e escrita, uma vez que alfabetizar e letrar são ações que visam a inserção do estudante na cultura escrita de forma significativa e crítica. A mera apropriação do sistema alfabetico não garante o uso efetivo dessa tecnologia como prática social. Para se inscrever como tal a alfabetização e o letramento devem ocorrer de maneira simultânea e articulada.

Roxane Rojo em seus estudos sobre os Multiletramentos enfatiza a urgência de uma abordagem pedagógica para além da abordagem tradicional de alfabetização centrada na correspondência entre letras e sons da fala. Para a autora, os estudantes precisam ser capazes de interpretar e inventar outras formas de linguagem, dialogando com o espaço cultural no qual estão imersos.

Uma escola imersa na cultura é aquela que dialoga com o que Conceição Evaristo denomina de escrevivência. Para a autora a escrevivência nasce das memórias, dos afetos e da vivência coletiva. É uma prática que possibilita a afirmação da identidade e do pertencimento, aproximando a ideia de letramento a de um processo sensível, que reconhece o saber de cada sujeito, legitima suas narrativas e constrói um espaço em que viver e aprender se tornam atos políticos e poéticos - uma prática profissional que buscamos desenvolver.

Carlos Skliar, por sua vez, trouxe para nosso fazer pedagógico contribuições singulares por nos alertar sobre a importância da escuta das diferenças e da valorização das diferenças, reforçando a necessidade de reconhecer e acolher as singularidades de cada participante do projeto. Dialogando com o autor, compreendemos a importância de valorizarmos a alteridade como princípio estruturante da inclusão na educação, que inclui as pessoas com deficiência,

mas inclui também as diferenças religiosas, étnicas, de gênero e sexualidade, linguística, geracional e geo-espaciais.

Em conjunto, esses referenciais consolidaram uma perspectiva que entende o ensino como ato político e cultural, no qual a leitura de mundo, a valorização das vivências e a construção coletiva de saberes são indissociáveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das experiências realizadas revelou que a combinação entre alfabetização com enfoque crítico, práticas de multiletamentos e metodologias inclusivas, ao colocar a criança como central e protagonista do processo de aprendizagem, gera impactos positivos tanto no desenvolvimento linguístico quanto socioemocional. Essa integração não apenas favoreceu o aprimoramento das habilidades de expressão oral e escrita, mas, também, estimulou a ampliação da capacidade de escuta, a compreensão da diversidade humana e o fortalecimento das relações interpessoais no espaço escolar.

Um dos momentos mais significativos foi a elaboração coletiva do "Livro das Diferenças". Esta atividade configurou-se como uma oportunidade de aprendizagem colaborativa, permitindo que os estudantes narrassem e ouvissem histórias individuais e coletivas, construindo um ambiente de respeito, reconhecimento e valorização das particularidades de cada um. A proposta também promoveu a autonomia criativa, a escuta sensível e a coautoria, além de contribuir para o fortalecimento do vínculo entre professoras, bolsistas e crianças. A elaboração do "Livro das Diferenças", que partiu das vivências, percepções e emoções das crianças para construir um produto coletivo com profundo significado para o grupo, integrando as diferentes linguagens visando promover o respeito à diversidade, a expressão de sentimentos e o fortalecimento dos vínculos entre educadores e estudantes. A dinâmica reafirmou o papel do professor como mediador e parceiro no processo de aprendizagem, conforme a concepção freireana de educação, como prática de liberdade.

Os resultados qualitativos evidenciam que a vivência no âmbito do PIBID proporcionou um espaço de troca e construção mútua, no qual teoria e prática se entrelaçaram de maneira concreta e produtiva. Nesse sentido, a experiência acumulada pela professora regente, somada às contribuições das bolsistas, formou uma rede de saberes que favoreceu a



elaboração de estratégias pedagógicas contextualizadas e alinhadas à realidade social dos estudantes. Essa interação, portanto, revelou-se fundamental para responder às demandas cotidianas da escola, garantindo um ensino mais significativo e próximo das vivências dos estudantes, o que nos permitiu observar a realidade escolar de forma mais profunda.

Nossas escolhas metodológicas trouxeram resultados significativos. Destacamos a importância do trabalho com a diversidade de linguagens, que favoreceu a expressão criativa, a ampliação do repertório cultural e a construção de sentidos contextualizados, conectando as práticas escolares aos universos culturais e comunicativos dos alunos. Outro destaque está no trabalho conjunto, que assegurou o alinhamento das ações aos objetivos do PIBID e à realidade da turma, permitindo o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas, dialógicas e sensíveis à diversidade.

Observamos que a formação docente inicial, quando desenvolvida de forma integrada à prática escolar diária, amplia a capacidade de criar e aplicar metodologias inovadoras, sensíveis às diferenças e fundamentadas em perspectivas críticas. Todas nós aprendemos que a prática profissional docente não se resume ao fazer, é preciso registrar para podermos analisar. Assim, houve sistematização e documentação das experiências, por meio de registros fotográficos, produção de materiais didáticos e elaboração de relatórios reflexivos. Essa prática permitiu avaliar resultados, visibilizar avanços e identificar aspectos a serem aprimorados, contribuindo para a formação docente e para a construção de um acervo de práticas pedagógicas contextualizadas.

As reflexões sobre o processo educativo tornam-no mais inclusivo e capaz de promover mudanças concretas no ambiente escolar, fortalecendo a construção de uma comunidade de aprendizagem que valoriza a pluralidade e o diálogo.

Ao analisarmos os resultados de nossa experiência vemos um fortalecimento da nossa prática docente, tornando-a mais crítica, sensível, colaborativa e amplificando o olhar de todas as envolvidas para o contexto escolar e as complexidades da profissão.

Os resultados obtidos nesta pesquisa dialogam diretamente com os pressupostos da alfabetização crítica defendidos por Paulo Freire (1996), que compreende o ato de ensinar e aprender como um processo de construção coletiva, no qual os sujeitos são incentivados a ler o mundo antes mesmo de ler a palavra. A experiência relatada reafirma a importância de reconhecer o estudante como sujeito histórico, capaz de produzir e compartilhar saberes a partir de suas vivências.





Nesse sentido, a abordagem de multiletramentos, tal como discutida por Rojo (2012), mostrou-se essencial para lidar com a diversidade linguística, cultural e tecnológica presente nas salas de aula contemporâneas. Ao integrar diferentes linguagens às atividades escolares, promovemos aprendizagens mais próximas das práticas sociais reais, ampliando as possibilidades de expressão e de compreensão crítica do mundo. Além disso, a produção do “Livro das Diferenças” pode se configurar como um espaço concreto para as práticas inclusivas, enfatizando a necessidade de uma educação intercultural, fortalecendo o sentimento de pertencimento e construção de vínculos afetivos.

A vivência no PIBID reforça a relevância de integrar a formação inicial docente à realidade do cotidiano escolar. Como apontam Nóvoa (2009) e Tardif (2014), a prática pedagógica não pode ser dissociada da reflexão teórica, e a interação entre professoras experientes e licenciandos possibilita um processo formativo mais robusto e contextualizado. A parceria permite a elaboração de estratégias criativas e críticas, capazes de responder às demandas concretas da escola e de contribuir para uma educação mais democrática.

Ficou evidenciado para nós que a articulação entre alfabetização crítica, multiletramentos e inclusão não apenas promove o desenvolvimento acadêmico dos estudantes de licenciatura, mas também contribui para a formação de cidadãos conscientes, capazes de dialogar, respeitar e atuar em uma sociedade plural. A experiência vivida demonstra que práticas educativas comprometidas com a diversidade e o protagonismo discente têm o potencial de transformar tanto o ambiente escolar quanto a própria formação docente.

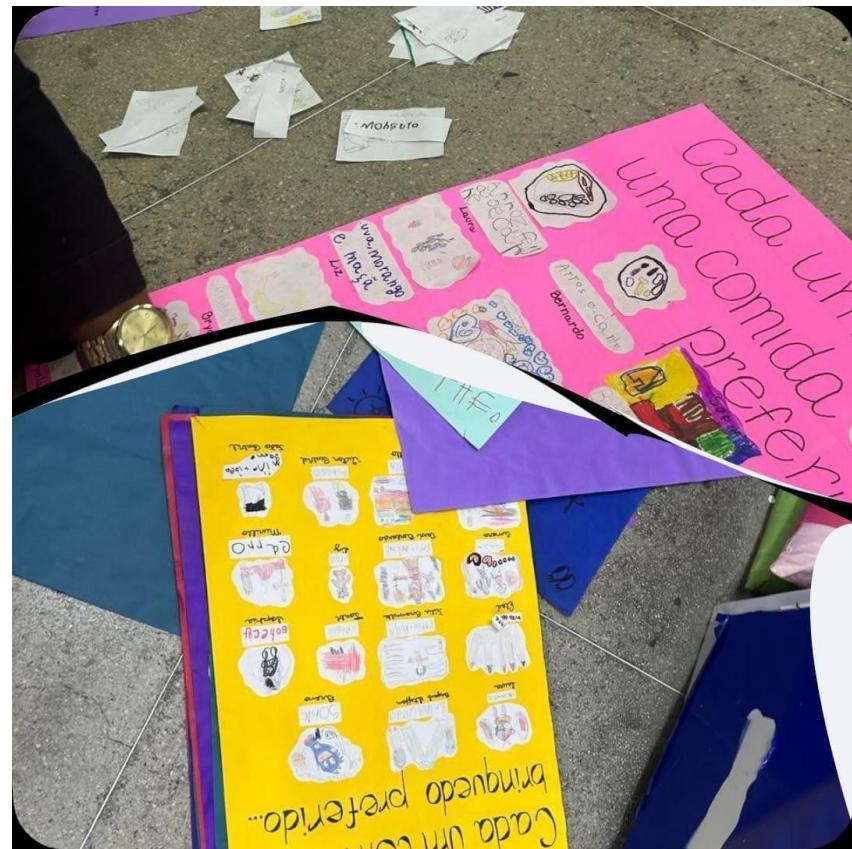
Processo de elaboração do Livro das Diferenças



Fonte: PIBID-Alfabetização



Processo de elaboração do Livro das Diferenças



Fonte: PIBID-Alfabetização



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas no GR1C tiveram como pilar a participação ativa dentro de uma perspectiva de educação humanizadora, em que a inclusão se constrói a partir da conexão individual de cada estudante com a sua própria história, situada no contexto de pertença étnica, socioeconômico e cultural do grupo. Nesse movimento, reconhecemos cada criança como sujeito sociocultural, portador de saberes e experiências que enriquecem o coletivo.

Buscamos promover um ensino colaborativo no qual teoria e prática se entrelaçam, ganhando vida nas dinâmicas e propostas semanais. Essa vivência com sentido possibilitou a construção de significados reais, enraizados na experiência concreta e na escuta atenta do que emergiu do grupo. Entendemos que a educação se efetiva quando há espaço de acolhimento, de reconhecimento de si e do outro e quando as expressões das crianças (em palavras, gestos, emoções ou produções) são legitimadas como parte essencial do processo de ensino-aprendizagem.

O “Livro das Diferenças” não se configurou apenas como um produto final, mas como um processo vivo de escrita, leitura e expressão, que reafirmou a importância do vínculo, da escuta e da valorização das narrativas pessoais. Ao transformar as vivências em material pedagógico, o projeto demonstrou que alfabetizar é também criar condições para que cada criança se reconheça como autora e protagonista de sua própria história.

Do ponto de vista da formação docente, a experiência evidenciou que ensinar é um ato de constante aprendizagem. Ao dialogar com as crianças, nos tornamos também aprendizes de suas formas de ver e narrar o mundo, reafirmando que educar é um ato político e poético que exige sensibilidade, compromisso e abertura para o inesperado.

Constatamos, ainda, que a metodologia utilizada apresenta potencial de aplicação em diferentes contextos escolares, especialmente em realidades marcadas por vulnerabilidade social, pois valoriza os saberes prévios, fortalece vínculos e legitima as identidades individuais. Quando trabalhamos integrando o letramento crítico às dimensões socioemocionais, ampliamos o repertório metodológico disponível aos educadores, favorecendo uma alfabetização inclusiva, democrática e humanizadora.





No campo acadêmico, esta experiência reforça a importância de investigar práticas pedagógicas que articulem multiletramentos, afetividade e protagonismo estudantil. Destaca-se também a necessidade de novas pesquisas que explorem os impactos de projetos colaborativos de escrita sobre o desempenho linguístico, a autoestima e o desenvolvimento socioemocional das crianças, bem como sobre a identidade profissional docente.

Concluímos que propostas como esta não apenas desenvolvem competências linguísticas, mas fortalecem vínculos, ampliam horizontes e contribuem para a construção de uma escola inclusiva, democrática e transformadora, capaz de reconhecer cada criança como autora e protagonista de sua própria história.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmera de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 14 de agosto 2025.
- EVARISTO, C. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- NÓVOA, A. **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2009.
- ROJO, R. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SOARES, M. B. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. Revista Brasileira de Educação, n. 21, p. 5-18, 2002.
- SKILIAR, C. A escuta das diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 2019. p. 71-89.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.